

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO

MEMORIAL
PARA PROMOÇÃO PARA A CLASSE E - PROFESSOR TITULAR

CARLOS ALBERTO ÁVILA ARAÚJO
PROFESSOR ASSOCIADO IV
JULHO DE 2022

Memorial apresentado como pré-requisito para a promoção para a classe E, Professor Titular,
do Departamento de Teoria e Gestão da Informação, da Escola de Ciência da Informação, da
Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. Introdução	4
2. Formação acadêmica	4
3. Atividades docentes	7
4. Produção científica	13
5. Pesquisa e extensão	18
6. Atividades de gestão	26
7. Reconhecimento pelos pares	27
8. Considerações e desafios para o futuro	29

1. INTRODUÇÃO

Este memorial é parte da documentação exigida para a promoção para a classe E - Professor Titular, conforme o art. 34 da Resolução Complementar n. 04/2014, de 09 de setembro de 2014, do Conselho Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais. Seu objetivo é proporcionar condições de avaliação do desempenho do docente. No art. 35 da mesma resolução consta que o memorial deve ser defendido para se “verificar se o docente atingiu o perfil de Professor Titular estabelecido no art. 36 desta Resolução”. Por fim, no art. 36 está estabelecido que “o Professor Titular deve ter atuação relevante e abrangente na vida acadêmica da UFMG e demonstrar compromisso com a instituição, autonomia, liderança e criatividade, aferidos por meio dos seguintes parâmetros: I – docência na graduação e na pós-graduação *stricto sensu* (...); II – produção científica relevante na sua área de conhecimento (...); III – coordenação de projetos de pesquisa ou extensão (...); IV – atividades de gestão; V – reconhecimento pelos pares”. Dessa forma, essa é a estrutura em torno da qual foi produzido este memorial. Buscou-se, para cada uma destas atividades, e seus detalhamentos indicados no art. 36, contemplar também os elementos previstos, para cada uma delas, listados no parágrafo 2º do art. 37.

Considerando-se que as informações apresentadas neste memorial, nos cinco itens citados acima, se referem ao período em atividade na Universidade Federal de Minas Gerais, de 15 de maio de 2006 a 27 de agosto de 2022, optou-se pela inclusão de um item no início com a apresentação de alguns dados anteriores a esse período. No restante do memorial, é seguida a sequência proposta na Resolução 04/2014. Ao final, são tecidas algumas considerações a respeito de interconexões e sentidos entre as várias ações apresentadas e discutidas no memorial.

2. FORMAÇÃO ACADÊMICA

A minha formação acadêmica teve início em março de 1993, com o meu ingresso no curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A escolha pelo curso de jornalismo veio de uma maneira bastante natural após diversos envolvimento que tive com atividades com alguma natureza jornalística como, por exemplo, ter sido redator chefe do jornal do grêmio estudantil do colégio onde fiz o ensino médio, além de ter produzido outros jornais no movimento estudantil. A decisão de cursar jornalismo veio

junto com o interesse em ser, no futuro, repórter, sendo que jamais a opção de ser professor tivesse aparecido.

Durante o curso, me interessei por disciplinas da parte prática de jornalismo – como, por exemplo, “Reportagem, entrevista e pesquisa jornalística” e “Redação em jornalismo impresso”. Mas foram as disciplinas teóricas, sobretudo “Teoria da Comunicação” e “Comunicação e Cultura”, ambas ministradas por Vera França, e “Teoria da Opinião Pública”, ministrada por Céres Castro, que efetivamente me motivaram. Isso se refletiu na minha trajetória durante o curso. No quarto período trabalhei com o jornal laboratório “Alternativa”. No quinto e sexto períodos, fiz estágio no setor de comunicação da Faculdade de Farmácia da UFMG. Mas, no sétimo e oitavo períodos, optei por exercer a monitoria das disciplinas “Teoria da Comunicação” (com a mesma Vera França) e “Comunicação e Cultura” (desta vez, ministrada pela professora Vanessa Paiva).

Eram esses os conteúdos que efetivamente despertaram meu interesse, o que acabou por me conduzir à decisão de prestar o exame seletivo para o mestrado no final de 1996, junto com o último período do curso. Em janeiro de 1997, já formado, comecei a minha primeira atividade profissional como jornalista, no jornal Flash Sul, e comecei o mestrado em março do mesmo ano. Em maio de 1997 comecei a trabalhar em outro jornal, o Direto da Rua, na cidade de Santa Luzia. No segundo semestre de 1997, conciliei a atividade de jornalista com uma monitoria de pós-graduação.

No começo de 1998, fiquei sabendo que o GRIS, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Imagem e Sociabilidade, do PPGCOM, estava com uma vaga para bolsista de aperfeiçoamento. Na ocasião, o grupo, liderado pela professora Vera França, estava desenvolvendo uma grande pesquisa sobre os 100 anos de Belo Horizonte, com uma equipe de cinco professores, dois bolsistas de aperfeiçoamento, dois bolsistas de apoio técnico e oito bolsistas de iniciação científica. Candidatei-me para essa vaga e fui aprovado. Abandonei a atividade profissional como jornalista e comecei a trabalhar na pesquisa, num trabalho que consistia em orientar os bolsistas de iniciação científica e fazer toda a curadoria dos dados coletados e sistematizados pela equipe. Essa atividade de pesquisa, desenvolvida em paralelo com a minha própria pesquisa de mestrado, foram fundamentais para a minha formação como um pesquisador.

No ano de 1999, iniciei minha carreira como professor universitário. Comecei a atuar como professor das Faculdades Integradas de Caratinga (FIC), no município de Caratinga, no Leste de Minas Gerais, nos cursos de Jornalismo e de Relações Públicas, ambos criados por duas professoras aposentadas da UFMG. Lá, num primeiro momento, fiquei encarregado por disciplinas da área profissionalizante (“Redação em jornalismo impresso”, “Reportagem, entrevista e pesquisa jornalística”, entre outras) e, depois, por disciplinas do núcleo teórico

(“Teoria da comunicação”, “Sociologia da comunicação”, entre outras). Foi ali, na FIC, que tive meu primeiro contato com a Ciência da Informação.

No ano de 2001, a Escola de Ciência da Informação da UFMG (ECI/UFMG) iniciou as conversas com a FIC para a criação de um mestrado interinstitucional. Para viabilizar o projeto, alguns professores da ECI foram a Caratinga ministrar palestras e apresentar a área. Foi nesse momento que surgiu o meu interesse pela área. Eu já era mestre na época (ou seja, não iria participar do projeto do mestrado interinstitucional – que, aliás, acabou não se concretizando por vários motivos), mas me interessei em cursar o doutorado na ECI. Ao longo do ano de 2001 me preparei, participei da seleção, fui aprovado e, em 2002, iniciei o doutorado em Ciência da Informação.

Em princípio, minha intenção era me doutorar na Ciência da Informação, com uma pesquisa sobre organização do conhecimento no campo da Comunicação Social, e então voltar para a área de Comunicação. Alguns fatos, contudo, foram fortalecendo meus laços com a Ciência da Informação. Em 2002, participei do Enebd, o Encontro Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação. Em 2003, participei do Enancib, o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Na ocasião, inclusive, fiz parte da chapa eleita para a diretoria para o período de 2004 a 2006, como representante discente, tendo a professora Regina Marteleto como presidente. Nos anos de 2003 e 2004, ministrei duas disciplinas para o curso de Biblioteconomia, como parte das atividades de Estágio Docente, tendo me identificado muito com o curso e com os alunos – chegando mesmo a ser professor homenageado na formatura de uma destas turmas. Em 2003 ainda publiquei um artigo, “A Ciência da Informação como ciência social” na revista Ciência da Informação, tendo recebido uma boa aceitação na área. Em 2004 fui aluno da disciplina ministrada pelo professor Koti Raghavan, da Universidade de Madras, Índia, tendo me aprofundado em contatos nacionais e internacionais no campo.

Em 2005, um pouco por acaso, tomei conhecimento de um concurso para professor adjunto na área de Usuários da Informação, na ECI. Estava ainda no terceiro ano do doutorado e, inicialmente, não achei que seria possível me candidatar para a vaga. Contudo, o assunto era muito interessante e muito próximo das minhas preocupações. No meu mestrado, concluído no ano 2000, realizei uma pesquisa com fãs de axé *music* e pagode, numa perspectiva etnográfica, e como professor em Caratinga orientei pesquisa de iniciação científica sobre programas populares na TV brasileira. Sempre tive proximidade com a pesquisa com públicos, receptores, e, nesse momento, ocupar uma vaga referente a usuários parecia ser um excelente projeto de vida. Concluí em dois meses o doutorado, para poder me candidatar. Antes disso, ainda, fiz um concurso, também na ECI, para a área de Fontes de Informação, tendo sido

aprovado em primeiro lugar. Mas a vaga que me interessava era a de Usuários da Informação. Fiz o concurso, e em novembro de 2005 fui aprovado em primeiro lugar. Começava assim minha carreira como professor da ECI/UFMG.

3. AS ATIVIDADES DOCENTES

Iniciei minhas atividades como professor da ECI no primeiro semestre de 2006, tendo me responsabilizado pela oferta de uma disciplina optativa para duas turmas da graduação em Biblioteconomia. Ofereci a disciplina “Dimensões socioculturais em estudos de usuários” para alunos da tarde e da noite, imaginando poder oferecer um complemento em relação à disciplina obrigatória Usuários da Informação que eles já tinham cursado no quarto período.

No ano de 2005, enquanto estudava para o concurso, percebi que a área de Usuários da Informação era ainda muito pouco fundamentada teoricamente. A literatura do campo consistia basicamente em estudos quantitativos descritivos relacionados a um caso específico, normalmente apresentando apenas estatísticas de uso de fontes, serviços e sistemas de informação, taxas de satisfação ou indicação de dificuldades, tudo isso correlacionado a dados de perfil sociodemográfico. Tratavam-se basicamente de estudos de cliente, de mapeamento de públicos para adequação dos serviços e planejamento bibliotecário. Identifiquei a existência de um movimento teórico chamado “paradigma alternativo” que, a partir de uma linha cognitivista, buscava superar o caráter restritivo dos estudos de até então. Mas, mesmo dentro dessa perspectiva, predominava um raciocínio mecânico, esquemático e comportamental. Percebi ali a possibilidade de minha atuação e minha colaboração para o campo: inserir referenciais teóricos já adotados em áreas como a Comunicação Social, a Sociologia e a Antropologia. Daí o nome da disciplina optativa que criei. Agreguei, aos estudos de usos e usuários já bastante conhecidos, elementos da Etnometodologia, do Interacionismo Simbólico, do conceito semiótico de cultura e da Fenomenologia Social para a construção de quadros mais amplos e complexos de compreensão dos usuários. Além destas duas turmas da disciplina optativa oferecida para o curso de biblioteconomia, pude ministrar a disciplina Usos e Usuários da Informação, do curso de especialização em Organização da Informação em Contextos Digitais (OICD) da ECI, tentando fazer o mesmo esforço de ampliação do campo.

Logo nestas três primeiras disciplinas, inaugurei um método de trabalho que passei a seguir nos anos seguintes. Propus para as turmas a execução de uma pesquisa empírica com usuários da informação, em grupo, em duas etapas. Numa primeira etapa, seria realizada uma pesquisa de natureza quantitativa, na linha da chamada “abordagem tradicional”, com correlação de dados de perfil com taxas de uso. Na segunda etapa, a partir de uma perspectiva qualitativa e

compreensiva, os grupos realizariam entrevistas para tentar compreender os motivos das respostas encontradas na primeira etapa. O objetivo era demonstrar a complementaridade entre os métodos e as abordagens. E, também, motivá-los a conhecer e dominar teorias e conceitos, uma vez que seria preciso aplicá-los no entendimento de uma realidade concreta.

No segundo semestre de 2006, assumi enfim a disciplina obrigatória Usuários da Informação no curso de Biblioteconomia. Na ocasião, iniciei uma parceria com a professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, contratada em agosto de 2006, aprovada no mesmo concurso que eu, em torno da temática dos usuários da informação. Naquele momento, a disciplina “Usuários da informação” era oferecida para o curso de Biblioteconomia e seria, a partir do semestre seguinte, oferecida para o curso de graduação em Sistemas de Informação. Além disso, já havia na ECI algumas conversas sobre a possibilidade de criação dos cursos de graduação em Arquivologia e em Museologia. Desde então, começamos a construir uma proposta de que a disciplina fosse a mesma para estes quatro cursos – com as especificidades de cada área, naturalmente, mas com a construção de um núcleo comum de teorias, conceitos e métodos. Ao longo da minha carreira na ECI, ofereci a disciplina Usuários da Informação em 14 ocasiões, para os cursos de Biblioteconomia, Sistemas de Informação e Arquivologia. Não cheguei a oferecer para Museologia, por conta das divisões de turmas que fiz com a professora Adriana ao longo dos anos. No decorrer dessas atividades, fui aperfeiçoando a disciplina: levei exemplos de pesquisas empíricas para serem analisadas e discutidas, fiz melhores correlações entre as teorias e os conceitos e, finalmente, inseri a abordagem de “práticas informacionais”, resultante das minhas atividades de pesquisa, que serão descritas no próximo tópico. A partir de 2014, não ofereci mais a disciplina, por conta de uma mudança em relação ao meu campo de atuação na ECI.

Ainda no primeiro semestre de 2006, houve uma reunião de departamento para divisão das disciplinas para o semestre seguinte e, no meio da reunião, levantou-se a necessidade de alguém para assumir uma das turmas de Teorias da Informação. Como eu havia trabalhado alguns anos como professor de epistemologia na Comunicação Social, em Caratinga, avaliei que poderia dar uma contribuição interessante para o campo. Me ofereci para assumir essa disciplina nas turmas da manhã e da noite. Mais uma vez, iniciei o movimento de analisar programas de curso desta disciplina, ou de semelhantes, tanto de anos anteriores da UFMG como em outras universidades brasileiras. Uma primeira constatação foi a de que, quase na totalidade dos casos, as disciplinas de epistemologia ou fundamentos da ciência da informação se estruturavam em torno de temas (por exemplo, qualidade da informação, sociedade da informação, tecnologias da informação) e não por correntes teóricas, como ocorre com as demais ciências humanas e sociais. Isso acaba por ter, como consequência, o fato de que esses

temas eram vistos, todos, a partir de uma única perspectiva teórica, normalmente a *information science* estadunidense ou, em alguns casos, com mistura de perspectivas teóricas, mas sem que esse movimento ficasse claro na estrutura da disciplina. Assim, por comparação com manuais e tratados de outras disciplinas científicas (sociologia, psicologia, antropologia, comunicação), estabeleci, desde ali, o objetivo de buscar a identificação e caracterização das correntes teóricas que estruturam a ciência da informação. Além de preparar leituras, aulas e atividades, montei uma atividade de pesquisa que coloquei em execução com as duas turmas no segundo semestre. Com a turma da manhã, propus entrevistarmos todos os professores da ECI a respeito de algumas questões epistemológicas centrais do campo da Ciência da Informação: suas caracterizações como ciência social, interdisciplinar, pós-moderna e sua relação com a Biblioteconomia. Solicitamos ainda que cada professor apontasse até dez autores e até dez obras considerados os mais importantes do campo. Com a turma da noite, realizei o mesmo movimento, mas enviando questionários para professores de todo o país. Ao final do semestre, propus aos alunos que quisessem que continuássemos o trabalho de pesquisa com vistas a apresentação em congressos e publicação. E assim efetivamente ocorreu: em dezembro, reuni-me com alunos da manhã e da noite e preparamos um material que acabou direcionando futuramente a minha carreira e minhas pesquisas.

Em 2008, fui designado para fazer parte da Comissão de planejamento e desenvolvimento do projeto pedagógico do curso de Arquivologia da UFMG e, no ano seguinte, fui o presidente da Comissão de planejamento e desenvolvimento do projeto pedagógico do curso de Museologia da UFMG. Sempre houve a intenção, por parte da equipe da ECI, de que esses dois novos cursos estivessem em diálogo entre si e também com a Ciência da Informação e com a Biblioteconomia. Um dos lugares essenciais para se promover esse diálogo era, justamente, a disciplina de Teorias da Informação que, no novo currículo de Biblioteconomia aprovado em 2008, e nos currículos dos dois novos cursos, passou a se chamar “Fundamentos da Ciência da Informação”. Comecei a ministrar essa disciplina, sempre com a preocupação de construir uma abordagem da Ciência da Informação que fosse, justamente, pertinente para os três cursos de graduação, isto é, que ressaltasse os temas, conceitos e perspectivas que favorecessem o diálogo entre elas – o que se tornou um outro tema de pesquisa, conforme apresentarei no tópico seguinte.

Em 2013, com a aposentadoria da professora Marta Pinheiro, o meu departamento propôs abrir um concurso para a área de Fundamentos da Ciência da Informação. Nessa ocasião, eu solicitei minha alteração de área: solicitei ir para a área de Fundamentos e liberar a minha vaga na área de Usuários. A solicitação foi aprovada e, portanto, a partir de 2014, eu passei a atuar exclusivamente na disciplina de Fundamentos da Ciência da Informação, para os três cursos.

Ministrei a disciplina 31 vezes desde então – número que só não é maior porque, entre 2014 e 2017, não ministrei aulas na graduação por estar no cargo de diretor da ECI. Durante esse período, também pude aperfeiçoar a disciplina: consolidei o desenho das correntes teóricas, as distinguindo das subáreas e dos “paradigmas” da área; consolidei também os diálogos com autores, teorias e conceitos da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Museologia; inseri ideias e perspectivas da Ibero-América e outras regiões do mundo, ampliando o alcance da disciplina para além do contexto anglo-saxão; e inseri teorias e perspectivas contemporâneas em diálogo direto com os fundamentos da área.

Ainda em 2006, me credenciei como professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI). Já em 2007 me ofereci para ministrar a disciplina obrigatória “Fundamentos Teóricos da Informação” (que em 2011 mudou de nome para “Fundamentos da Ciência da Informação”). Desde então, eu ministrei a disciplina praticamente todas as vezes em que ela foi ofertada. A exceção foi o ano de 2019, quando estive fora realizando meu segundo pós-doutorado. Entre 2014 e 2016, ofereci a disciplina em conjunto com duas outras professoras da ECI, num momento em que houve a decisão de dividi-la entre as três linhas de pesquisa do programa. Ministrar essa disciplina por tantos anos, e em sintonia com minha área de pesquisa, me permitiu mais uma vez aprofundar na compreensão dos conteúdos e aperfeiçoar a dinâmica da disciplina, estruturada, como na graduação, em torno dos eixos: história da Ciência da Informação; relações com a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia; caracterizações como ciência pós-moderna, interdisciplinar e social; subáreas, correntes teóricas e paradigmas.

Ao longo da minha carreira como docente, optei por ficar fixo em apenas duas disciplinas, em vez de transitar entre disciplinas diferentes, e me dedicar profundamente a elas. Na verdade, transformei as temáticas das duas em minhas temáticas de pesquisa, o que me permitiu avançar bastante na compreensão de sua história, seus conceitos, seus autores, e obter muitos exemplos de estudos e pesquisas para serem apresentados em aula.

Na graduação, além da disciplina que ministrei em 2006, ofereci apenas uma outra disciplina optativa: “A missão do bibliotecário”, a partir de ideias do mesmo livro de Ortega y Gasset. Ofereci algumas disciplinas com mestrandos e doutorandos em estágio docente como, por exemplo, “Práticas Informacionais em Bibliotecas”, “Práticas informacionais e cultura”, “Competência crítica em informação e estudo do sujeito informacional” e “Infodemia e usos políticos da desinformação”. No PPGCI, ministrei algumas disciplinas optativas em parceria com outros professores do programa, como a disciplina “Tendências Contemporâneas em Estudos de Usuários, Competência Informacional e Biblioteca Escolar” com Adriana Duarte e Bernadete Campello, e com professores estrangeiros, como a disciplina “A Perspectivas da

Ciência da Informação da Era Pós-Custodial”, com o professor Armando Malheiro da Silva, de Portugal, “Aspectos teóricos-conceituais de estudo de comportamento informacional” com a professora Aurora González Teruel, da Espanha e “Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação”, com o professor José Antonio Frías, da Espanha. No segundo semestre de 2022 ministrarei a disciplina “Information practices and information literacy” junto com a professora Denise Agosto, da Drexel University, dos Estados Unidos. Desde 2020, tenho ministrado a disciplina “Usuários e contextos informacionais” junto com os demais professores da minha linha de pesquisa no PPGCI. Trata-se da disciplina nuclear da linha.

Atuei ainda como professor no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Londrina, em 2013, como professor visitante, com bolsa do CNPq. Na ocasião ministrei uma disciplina na área de Epistemologia da Ciência da Informação e outra em Usuários e práticas informacionais. E, desde 2018, sou professor da disciplina obrigatória Teorías de la Información da Maestría en Información y Comunicación da Universidad de la República, no Uruguai, ministrando a disciplina presencialmente, exceto no período da pandemia.

Ainda no campo das atividades docentes, há a atividade de orientação. Entre 2006 e 2009, orientei 24 trabalhos de conclusão de curso da Biblioteconomia. A partir desse ano, não orientei mais, pois a atividade foi remodelada com a reformulação curricular de 2008. Orientei ainda sete alunos na atividade de monitoria. Entre 2006 e 2011 orientei ainda 22 monografias de pós-graduação lato sensu – em 2011 me desliguei efetivamente dos dois cursos de pós-graduação lato sensu oferecidos na escola. Na pós-graduação stricto sensu, orientei 15 dissertações de mestrado, estando orientando quatro atualmente. No doutorado, foram nove orientações concluídas, estando com três atualmente. E, ainda, orientei quatro estágios de pós-doutorado.

No PPGCI, ainda em 2007 recebi meu primeiro orientando de mestrado, Ronaldo Alves da Silva, que vinha de uma troca de orientador. Seu projeto se relacionava com as necessidades de informação das profissionais do sexo de Belo Horizonte e causava alguma polêmica na área justamente pelo seu caráter inovador. Aceitei a proposta justamente como parte das minhas ambições de promover um alargamento do campo – alargamento teórico-conceitual e também de objetos empíricos. A temática de usuários da informação continuou sendo uma constante durante toda a minha carreira. Nos anos seguintes, orientei as pesquisas “Manifestações externas na indexação: uma construção social da realidade”, de Livia Ferreira Coutinho Alonso; “Práticas informacionais na organização político-sindical dos professores da rede municipal de Belo Horizonte”, de Flávia Virgínia Melo Pinto; e “A relação dos bibliotecários com a profissão, com a rotina profissional e com os usuários a partir de uma

perspectiva compreensiva” de Maria Inês Moreira Sepúlveda. A partir de 2014, com a criação do grupo de pesquisa, orientei também, no mestrado, “As práticas informacionais das clientes dos serviços de estética”, de Paula Mota Vasconcelos, defendida em 2016; “Ler e compartilhar na web: práticas informacionais de blogueiros literários”, de Jéssica Patrícia Silva de Sá (2018); “Serviços de referência: práticas informacionais do bibliotecário” de Gracirlei Maria de Carvalho Lima (2018); “Entrando em ação, movendo a cena: práticas informacionais nos ambientes do aplicativo Telegram”, de André Gustavo Fonseca da Silva (2019); e “Comportamento informacional de alunos do ensino médio integrado: um estudo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão”, de Keyse Rodrigo Fonseca da Silva (2020), como dissertações de mestrado. E, como teses de doutorado, “Práticas informacionais dos visitantes do Museu Itinerante Ponto UFMG”, de Tatiane Krempser Gandra (2017), “Práticas e regime de informação - os acontecimentos ‘carta de Temer a Dilma’ e ‘Marcela Temer: bela, recatada e do lar’”, de Ilemar Christina Lanson Wey Berti (2018); “As práticas informacionais na produção científica de pesquisadores na pós-graduação”, de Maíra Prado da Silva, e “Transformando normas e padrões: as práticas informacionais de pessoas trans na reinvenção do corpo”, de Flávia Virgínia de Melo Pinto, ambas defendidas em 2020.

No campo dos Fundamentos, orientei menos trabalhos, destacando Liara Gomes dos Santos com “A contribuição de teorias das ciências sociais para a ciência da informação na perspectiva de Gernot Wersig”, defendida em 2010; Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus, “Saberes científicos da biblioteconomia em diálogo com as ciências sociais e humanas”, defendido em 2016, e de Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira, “Biblioteconomia contemporânea: a importância dos usuários na prática profissional à luz da nova biblioteconomia”, em andamento. Dentro dessa área, contudo, após o meu primeiro pós-doutorado, em 2010 e 2011, com a temática dos diálogos entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, orientei as seguintes pesquisas de mestrado e doutorado relacionadas ao tema: no mestrado, Gláucia Aparecida Vaz, com “Os currículos do curso de Arquivologia no Brasil: uma análise interdisciplinar” defendida em 2013, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho, com “Cenário acadêmico-institucional dos cursos de arquivologia, biblioteconomia e museologia do Brasil” (2013), Rubem Damião Soares Nogueira, com “Conexões entre Arquivo, Biblioteca e Museu: similaridade das atividades profissionais e colaboração entre instituições - O Arquivo Público Mineiro, a Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa e o Museu Mineiro” (2016) e Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira, com “Contribuições para uma epistemologia da Biblioteconomia” (2016). No doutorado, José Alimatéia Aquino Ramos, com “As possibilidades de aproximação e diálogo entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia via modelo

formativo: o caso da ECI/UFMG” (2013) e Leonardo Vasconcelos Renault com “O ato colecionador” (2015).

Recentemente, com minhas pesquisas em torno da infodemia e da desinformação, estou orientando, na temática, quatro dissertações de mestrado: “Infodemia e desinformação: o comportamento informacional de estudantes do ensino médio”, de Simone de Souza Santos; “Mediação da informação por enfermeiros em Unidades de Saúde: o apoio aos usuários do SUS”, de Carolina Costa Gonzaga; “União entre ciência da informação e escola: uma proposta freiriana de combate à desinformação” de Roger Pereira Domingues; e “Comportamento informacional de alunos do curso de medicina: um estudo na Universidade Federal de Ouro Preto” de Luciana de Oliveira.

4. PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Desde 2006, quando comecei minhas atividades como professor da ECI, publiquei um total de 110 artigos em periódicos científicos qualificados, além de 29 capítulos de livros, 34 trabalhos em anais de eventos, além de três livros, dois como autor único e um como organizador. Meus primeiros artigos foram em periódicos da área de Comunicação Social, pois eram resultados da minha tese de doutorado que, embora defendida na Ciência da Informação, teve como objeto empírico a área de Comunicação. Dois artigos frutos da tese, contudo, foram publicados em 2006, em periódicos de Ciência da Informação. Um deles, “Bibliometria: evolução histórica e questões atuais”, segue sendo meu artigo mais citado, com 2074 citações, conforme dados do Google Scholar. O outro, “Fundamentos teóricos da classificação”, está entre os dez artigos mais citados, também de acordo com o Google Scholar.

Daí em diante, a quase totalidade da minha produção científica se relaciona com as temáticas dos fundamentos da Ciência da Informação e com a área e Usuários da Informação – sendo que ainda há alguns poucos trabalhos em temáticas como biblioteca escolar, conhecimento científico, gestão da informação e outros.

No campo dos fundamentos, e como resultado da minha atividade como professor de Teorias da Informação, ainda em 2006, senti a necessidade de identificar não só as correntes teóricas da área mas, ainda, quem seriam os autores mais importantes do campo. Essa foi a questão que motivou o início, em 2007, de uma pesquisa em conjunto com vários alunos de Biblioteconomia, que resultou nos artigos “A Ciência da Informação na visão dos professores e pesquisadores brasileiros”, em coautoria com Rolim, Bitencourt e Marzano, e “A ciência da informação na visão dos professores da ECI/UFMG”, em coautoria com Sima, Resende e

Guedes, ambos em 2007. Outros cinco artigos, publicados com vários coautores entre 2009 e 2011, enfatizaram as contribuições específicas de Brenda Dervin, Wilfrid Lancaster, Jesse Shera, Carol Kuhlthau e Tekfo Saracevic.

No campo dos estudos de usuários da informação, minha primeira produção foi o capítulo de livro “Estudos de usuários: uma abordagem na linha ICS”, justamente em um livro que apresentava a linha de pesquisa Informação, cultura e sociedade do PPGCI, à qual eu pertencia. A seguir vieram os artigos “Um mapa dos estudos de usuários da informação no Brasil” (2009), “Estudos de usuários conforme o paradigma social da Ciência da Informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa” e “Abordagem interacionista de estudos de usuários da informação” (ambos em 2010). Nestes trabalhos, avancei na compreensão de que tanto a chamada abordagem tradicional quanto a abordagem alternativa se filiam a uma mesma concepção de sujeitos: os indivíduos vivem e agem no mundo, mas sua ação informacional é apartada dessa dinâmica, ela segue uma lógica própria (a constatação de uma lacuna ou incerteza; a satisfação dessa lacuna pelo contato com fontes, serviços ou sistemas de informação). Existe uma dinâmica linear de ação informacional, com passos pré-estabelecidos, aos quais estão associadas emoções e ações, metas e condições de sucesso ou fracasso. A perspectiva buscada por nós tentava compreender o movimento por meio do qual os indivíduos agem no mundo, conformados pela cultura, e ao mesmo tempo constituem essa cultura que os influencia e a realidade em que atuam. Nessa linha de investigação, estaria a ideia de que não existe um mundo exterior, “lá fora”, independente dos sujeitos e das suas ações. São os sujeitos que, em suas ações, criam e atualizam as regras e normas sociais. Além disso, tais estudos, na crítica à proposta do comportamento informacional, avançaram na compreensão da informação não como o preenchimento de uma lacuna cognitiva, nem um processo exclusivamente vivido da perspectiva individual. Os processos envolvidos com o uso da informação envolvem imaginação, apropriação, questionamentos, tensionamentos, e tais processos são vividos a partir de categorias construídas socialmente – e que precisam ser incluídas nos estudos. A proposição, naquele momento, se colocava na defesa de uma perspectiva centrada na ideia de “interação” como conceito-chave para o desenvolvimento dos estudos de usuários da informação. Mas, nos anos seguintes, houve uma contínua percepção da identificação dessa abordagem com o chamado paradigma social da ciência da informação, de forma que, em 2012, no artigo “Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista”, essa definição já estava mais clara.

O amadurecimento da compreensão sobre o que é a perspectiva das práticas informacionais e sua especificidade no campo de estudos de usuários da informação se deu de várias maneiras, e está expressa principalmente nos artigos “Estudos de usuários da informação: comparação

entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica” de 2016, “O que são 'práticas informacionais?'”, de 2017, “Práticas informacionais: desafios teóricos e empíricos de pesquisa”, também de 2017, em coautoria com Adriana Bogliolo e Claudio Paixão, e “Information practices: the relevance of the concept to information user studies”, publicado em periódico estrangeiro em 2019. A consolidação dessa proposta de pesquisa no âmbito do PPGCI também está definida no artigo “As perspectivas de estudos sobre os sujeitos no PPGCI/UFMG” de 2019, em coautoria com Adriana Bogliolo e Lígia Dumont. Recentemente, merece destaque o artigo “Diffusion of theories and theoretical models in the Ibero-American research on information behavior” publicado em 2022 no JASIST, o Journal of the Association for Information Science and Technology, em coautoria com Aurora González Teruel e Martha Sabelli.

No campo dos Fundamentos, em 2009 foi publicado o artigo “Correntes teóricas da Ciência da Informação” – atualmente meu segundo trabalho mais citado, com 285 citações de acordo com o Google Scholar. Nele foram consolidados os resultados da pesquisa que identificou um primeiro desenho da estrutura das correntes teóricas do campo: a teoria matemática, a teoria sistêmica, a teoria crítica, a teoria da representação, a teoria da comunicação da informação e a teoria dos usuários da informação, bem como sua articulação com os paradigmas e com o próprio conceito de informação. Esse tema foi sendo amadurecido no diálogo com outros autores e se expressou em publicações posteriores, tais como o artigo “O conceito de informação na ciência da informação” de 2010, “Fundamentos da ciência da informação: correntes teóricas e o conceito de informação”, de 2014, “O que é Ciência da Informação?”, também de 2014. Nestes trabalhos, também se buscou esclarecer o significado da existência de três grandes modelos de estudo da ciência da informação, complementando o quadro proposto por Capurro em 2003 com o de autores de diferentes países, tais como Saracevic, Ørom, Fernández Molina e Moya Anegón, Silva e Ribeiro, Linares Columbié, Salaün e Arsenault, Bawden e Robinson e Hjørland. A consolidação deste trabalho veio com o livro publicado em 2018 “O que é ciência da informação”. Um dos impactos mais significativos deste livro é que pouco depois de ser lançado, ele passou a fazer parte das obras listadas como bibliografia de referência para processos seletivos de mestrados de alguns Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Brasil. São eles: - PPGCI/UFC (Edital nº 3/2019, Processo seletivo para o Mestrado em Ciência da informação, turma de 2020)¹; PPGCI/UNB

¹ Disponível em https://drive.google.com/file/d/1CJPgKvNKum_cy4onP9OWsPHfrTZEos3p/view.

(Edital nº 04/2019 de Seleção de Candidatos 2020)²); e PPGCI/UFAL (Edital Nº 01/2019 – Processo Seletivo do Curso de Mestrado em Ciência da Informação, 2020)³.

Esse livro, como apontado, é resultado da consolidação de ideias e argumentos apresentados anteriormente em artigos científicos. Neste sentido, deve-se destacar que alguns destes artigos (cujo conteúdo está presente e consolidado no livro) também foram parte da bibliografia indicada para processos seletivos de mestrados em outros Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Brasil. São eles: PPGCI/UFPB (Edital Nº 01/2019, Processo seletivo para curso Mestrado)⁴; PPGCI/UFPA (Edital Nº 002/2019/PPGCI/UFPA)⁵; PPGB/UFCA (Edital no 06/2019 – Processo seletivo discente)⁶; e Mestrado em Ciência da Informação da UFES (Edital 02/2020)⁷.

Nos últimos anos, busquei dar visibilidade internacional à minha produção sobre os fundamentos, com a publicação do artigo “Foundations of the information science: history and contemporary theories” no periódico italiano “JLIS.it : Italian Journal of Library and Information Science” e “Épistémologie des sciences de l’information : histoire intellectuelle des concepts, théories et paradigmes” no periódico francês “Revue Française des Sciences de l’Information et de la Communication”.

Dentro da temática dos Fundamentos da área, a questão do diálogo entre Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação teve seus primeiros resultados publicados como artigos científicos, tais como “Ciência da Informação como campo integrador para as áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia” (2010), “Condições teóricas para a integração epistemológica da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia na Ciência da Informação” (2011), “Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia integradas na Ciência da

² Disponível em <http://www.ppgcinf.fci.unb.br/pt/component/k2/item/4283-selecao-de-candidatos-ao-mestrado-academico-e-doutorado-para-o-primeiro-periodo-letivo-de-2020>.

³ Disponível em <https://ichca.ufal.br/pos-graduacao/ciencia-da-informacao/selecao/edital-de-selecao-discente/selecao-de-discente-regular-1/processo-seletivo-2019-2020>.

⁴ Disponível em https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2019210027b3f315288411d6165f0a2c4/Edital_01-2019_Processo_Seletivo_PPGCI_Mestrado_2019-2020.pdf. Nele estão listados os artigos “Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação” e “Teorias e tendências contemporâneas da Ciência da Informação”.

⁵ Disponível em <https://www.propesp.ufpa.br/arquivos/editais/posgraduacao/2019/EDITAL%20PPGCI%2002-2019%20Vers%C3%A3o%202019-09-24.pdf>. Nele está citado o artigo o artigo “Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação”.

⁶ Disponível em <http://sites.ufca.edu.br/ppgb/wp-content/uploads/sites/20/2019/09/Edital-MPB-2020.1.pdf>. O artigo citado é “Biblioteconomia: fundamentos e desafios contemporâneos”.

⁷ Disponível em http://portais4.ufes.br/posgrad/edital_drupal/ob_edital124_124_edital_2021-1_ppgci_revisado_com_temas_pesquisa_credenciados.pdf. O artigo presente é o artigo “Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação”.

Informação: as experiências da UFMG, UnB e UFRGS” (2011), “Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações teóricas e institucionais” (2011), além de vários artigos em coautoria ou enfatizando apenas um destes campos de conhecimento ou uma das correntes teóricas. A consolidação de todo o processo se deu com a publicação do livro “Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível”, em 2014, pela editora Briquet de Lemos. Posteriormente, houve o esforço de divulgar internacionalmente esses resultados em artigos científicos, como no Uruguai (“Por uma história intelectual da arquivologia, da biblioteconomia e da museologia desde uma perspectiva transversal”, de 2020) e na Polônia (“Information science in dialogue with archival science, library science and museum studies: the recent Brazilian experience”, de 2020).

A pesquisa sobre a epistemologia específica da Ciência da Informação continuou sendo conduzida e, nos anos seguintes, foram identificadas várias teorias contemporâneas, que foram analisadas e incorporadas ao quadro intelectual estruturado nos anos anteriores. No artigo “Uma história intelectual da ciência da informação em três tempos”, de 2017, são apresentadas essas teorias (análise de domínio, altmetria, cultura organizacional, curadoria digital, folksonomias, ética intercultural da informação, neodocumentação, humanidades digitais, arqueologia da sociedade da informação, práticas informacionais, regimes de informação, memória e as aproximações com arquivologia, biblioteconomia e museologia) e discutidas sua inserção na ciência da informação. Avança-se nessa análise em dois artigos de 2018, “Movimentos epistemológicos da ciência da informação” e “Um mapa da ciência da informação: história, subáreas e paradigmas”, até sua efetiva consolidação no livro “O que é ciência da informação”, lançado em 2018.

Já com o tema da Ciência da Informação na Ibero-América, foi publicado um artigo em 2018 (“Existe um pensamento informacional ibero-americano?”) e depois o artigo “The Development of Information Science in Ibero-America” publicado no periódico sul-coreano *Journal of Information Science Theory and Practice* em 2019.

Por fim, o assunto mais recente de pesquisa, relacionado à pós-verdade, à desinformação e à infodemia, está registrado em artigos como : “O fenômeno da pós-verdade e suas implicações para a agenda de pesquisa na Ciência da Informação” na revista *Encontros Bibli*; “O fenômeno da pós-verdade” na revista *ALCEU – Revista de comunicação, cultura e política*; “A pós-verdade como desafio central para a ciência da informação contemporânea” na revista *Em Questão*; “A missão da Ciência da Informação na era da pós-verdade” na revista *Informação & Sociedade: Estudos*; e “Pós-verdade: novo objeto de estudo para a ciência da informação” na revista *Informação & Informação*. Além disso, foram publicados no exterior o editorial “La importancia de la ciencia de la información en tiempos de posverdad” na *Revista Cubana de Información en*

Ciencias de la Salud; e os artigos “Novos desafios epistemológicos para a ciência da informação” na revista argentina Palabra Clave; “Infodemia, desinformação, pós-verdade” na revista The International Review of Information Ethics; “Post-truth as a new object for information science” na revista National Studies on Librarianship and Information Organization; o artigo “Infodemic: The New Informational Reality of the Present Times” no periódico Journal of Information Science Theory and Practice; e “Os desafios da pós-verdade: por uma virada veritística na Ciência da Informação” no periódico português Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra.

5. PESQUISA E EXTENSÃO

Minha primeira atividade de pesquisa na ECI estava diretamente relacionada com o início da minha atividade docente na área do concurso que prestei: usuários da informação. Como apontado no tópico 3, após analisar programas de cursos de Usuários da informação em diferentes universidades, foi possível perceber que grande parte da disciplina era dedicada à apresentação dos instrumentos de coleta de dados em usuários (questionário, entrevista, grupo focal, etc), o que, de certa forma, coincide com o conteúdo de disciplinas de metodologia científica. Nos diversos programas analisados, havia também uma grande parte dedicada aos estudos de natureza positivistas oriundos principalmente dos Estados Unidos – os chamados *information needs and uses studies* – e, em menor medida, tópicos relacionados à chamada abordagem alternativa de estudos – na consagrada denominação proposta por Brenda Dervin e Michael Nilan, de natureza cognitiva, com a apresentação de alguns modelos de estudo como os de Tom Wilson, da própria Dervin, de David Ellis e de Carol Kuhlthau. Sobressaía, de imediato, uma certa ausência de abordagens que contemplassem os fatores sociais, culturais, das relações dos usuários com a informação. Optei por oferecer, então, naquele momento, uma disciplina optativa na qual realizei uma aproximação de questões relativas aos usuários junto a abordagens teóricas como a etnometodologia, o interacionismo simbólico, o construcionismo social e a abordagem hermenêutica da cultura. Iniciaram-se, aí, os esforços de construção de uma abordagem que, para além das contribuições já bem estabelecidas das perspectivas vigentes de estudo no campo (os modelos tradicional e alternativo), desse destaque para as dimensões coletivas e intersubjetivas dos usuários da informação. Essa iniciativa se formalizou com a proposição do meu primeiro projeto de pesquisa como professor da UFMG, “Modelos teóricos utilizados em estudos de usuários da informação”, iniciado em 2006 e concluído em 2008.

Entre 2008 e 2012 continuei me dedicando à pesquisa sobre usuários da informação, com a formação de um grupo de estudos do qual participavam a professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte e os orientandos de mestrado e doutorado dela e meus. Juntos, buscávamos a construção de uma proposta de estudo diferente da positivista e da cognitivista dominantes no campo. Em 2010 tomamos conhecimento da existência da perspectiva das práticas informacionais, e então passamos a nos dedicar a estudá-la.

O ano de 2013 marcou a consolidação dessa perspectiva, com a criação do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq EPIC – Estudos em Práticas Informacionais e Cultura, liderado pela professora Adriana e por mim. Neste grupo, reunimos nossos orientados, e definimos o conceito de práticas informacionais como o eixo de pesquisa. Os avanços seguintes foram na direção de entender essa abordagem tal como trabalhada por distintos autores, como Reijo Savolainen, Sanna Talja, Elfreda Chatman, Pamela McKenzie e Annemaree Lloyd. Em 2014, recebemos no PPGCI as professoras Martha Sabelli (Universidad de la Republica, Uruguai) e Aurora González Teruel (Universitat de Valencia, Espanha), que se incorporaram ao grupo e, com elas, estabelecemos um excelente campo de intercâmbio científico. O ano de 2014 marcou também o início da pesquisa “Práticas e regimes informacionais nas redes sociais: cultura, valores e ativismo em conflito”, que contou com financiamento do CNPq para duas bolsas de iniciação científica.

No âmbito do EPIC, incorporaram-se depois outros professores do PPGCI (Claudio Paixão Anastácio de Paula e Eliane Cristina de Freitas Rocha), de outros países (Edilma Naranjo Vélez, da Universidad de Antioquia, Colômbia, e Fernanda Martendal, da Universidad Nacional del Nordeste, Argentina), além de vários mestrandos e doutorandos. O EPIC cresceu, sua perspectiva de estudos amadureceu e passou a sustentar as pesquisas realizadas pelos membros do grupo, além de alcançar uma projeção nacional, com convites para palestras e aulas inaugurais em distintas universidades brasileiras.

No âmbito do EPIC foram promovidas três Jornadas em Práticas Informacionais, nos anos de 2018, 2019 e 2021, estando a próxima programada para ocorrer em setembro de 2022. Além disso, em 2021 foi publicado o livro “Estudos em práticas informacionais e cultura”, organizado por mim, e que contém, além do meu capítulo teórico, outros 15 capítulos com versões resumidas das teses e dissertações defendidas no âmbito do EPIC.

A área de Usuários segue sendo uma prioridade na minha atividade de pesquisa, por dois motivos: primeiro, porque é o assunto para o qual sou mais procurado por alunos de mestrado e doutorado. Segundo, porque quero manter uma perspectiva de estudos de abordagem etnográfica, com forte atuação empírica, pois acredito que todo professor de fundamentos precisa ter também vivência de pesquisa empírica em alguma das subáreas do campo.

Em 2006 me inseri no GEBE, o Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar, coordenado pela professora Bernadete Campello. Iniciamos neste ano a pesquisa “Aprendizagem pela busca e uso da informação: a influência de habilidades informacionais”. Segui como membro do GEBE por oito anos, embora com menor envolvimento nos últimos anos.

E também em 2006 comecei a ministrar a disciplina “Teorias da informação” na graduação em Biblioteconomia e “Fundamentos Teóricos da Informação” no PPGCI, o que me conduziu à atividade de pesquisa na área de epistemologia também. As primeiras atividades foram as pesquisas com alunos de Biblioteconomia sobre os principais autores da área, que gerou duas apresentações no Cinform, em Salvador, e duas no CBBB, Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em Brasília, além de uma síntese apresentada no Enancib de 2007, em Salvador, além de dois artigos científicos: “A ciência da informação na visão dos professores da ECI/UFMG” e “A Ciência da Informação na visão dos professores e pesquisadores brasileiros”. Motivado pela questão epistemológica, dei início à pesquisa “Principais autores e correntes teóricas da Ciência da Informação” antes mesmo de ter concluído a pesquisa sobre os modelos teóricos de estudos de usuários, mantendo as duas pesquisas em andamento ao mesmo tempo.

Em novembro de 2007 aconteceu um fato que alterou completamente a direção da minha carreira: fui nomeado para a Comissão de planejamento e desenvolvimento do projeto pedagógico do curso de graduação em Arquivologia da UFMG, junto com as professoras Lídia Alvarenga e Cíntia Lourenço. Com isso, passei todo o ano de 2008 me dedicando a estudar Arquivologia e a fundamentar tanto a criação do currículo deste novo curso como, também, sua aproximação com o curso de Biblioteconomia, já que era um desejo da escola promover um núcleo comum de atividades entre esses dois cursos. Ainda no final de 2008, fui nomeado presidente da Comissão de planejamento e desenvolvimento do projeto pedagógico do curso de graduação em Museologia da UFMG, tendo como companheiros os professores Paulo da Terra e Mônica Nassif. Passei a me dedicar ao estudo da Museologia e, também, das relações entre todos esses quatro campos: Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. Essa temática passou a ser a “espinha dorsal” da minha carreira nos anos seguintes, influenciando minhas atividades de ensino, de pesquisa, de extensão e de representação.

Os anos de 2008 e 2009 foram tomados, quase que exclusivamente, pelas atividades destas duas comissões: reuniões com corpo docente, com equipe técnica da reitoria, consulta a currículos e professores de outras universidades, participação em eventos de Arquivologia e de Museologia. No âmbito dessas duas comissões, houve uma grande demanda para se estudar não só os currículos de arquivologia e de museologia existentes no Brasil, mas também para se

estudar as áreas, seus conceitos, sua história, suas teorias. Havia além disso, na ECI, o desejo institucional de que esses dois cursos, criados efetivamente em 2009 e 2010, estivessem em diálogo um com o outro, e também com o curso de biblioteconomia, já existente, e ainda com a pós-graduação em ciência da informação. Naturalmente que as condições desse diálogo deveriam ser construídas por todo o corpo docente ao longo dos anos. Mas eu, especificamente, tomei como desafio de pesquisa a identificação das possibilidades epistemológicas de construção desse diálogo. Em 2009, conheci o professor Armando Malheiro da Silva, da Universidade do Porto, que trabalha com a temática relativa a estas áreas. Ao final de 2009, apresentei à Capes um projeto de pesquisa de pós-doutorado na Universidade do Porto, tendo sido aprovado. Enquanto isso, concluí as duas pesquisas que conduzia, uma de epistemologia e outra sobre usuários, além da pesquisa realizada em conjunto com o GEBE. Em 2009 o GEBE iniciou outra pesquisa, “Educação no século XXI: a biblioteca escolar como recurso para aprendizagem e inclusão social”, da qual também fiz parte.

No dia 03 de junho de 2010, fui para Portugal para realizar a pesquisa “Ciência da Informação como campo integrador para as áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia”, como pós-doutorado. Tal empreitada significava a oportunidade de consolidar questões e problemas levantados no âmbito das duas comissões de criação dos cursos de Arquivologia e de Museologia. Neste mesmo ano iniciei a pesquisa “Base de dados digital da produção científica brasileira em Arquivologia” (com bolsa da Pró-reitoria de Graduação da UFMG), e integrei a equipe de pesquisadores latinoamericanos reunida em torno do projeto “Un análisis teórico-epistemológico de la Bibliotecología y Estudios de la Información. Unidad en la diversidad: Bibliotecología, Documentación y Ciencia de la Información”, liderado pelo professor Miguel Rendón Rojas, da Universidad Autónoma do México, UNAM.

Em um ano de pós-doutorado, dediquei-me intensamente ao estudo dos campos da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Museologia, com ênfase nas realidades de Portugal (onde fiquei sediado), Espanha (onde fiquei três semanas) e França (onde fiquei por um mês). Realizei visitas técnicas em arquivos, bibliotecas, museus, consultei bibliografias, conversei com professores e pesquisadores e fui consolidando um quadro teórico e conceitual para sustentar as possibilidades de aproximação e diálogo entre essas áreas e delas com a Ciência da Informação. Cheguei ao Brasil de volta do pós-doutorado em maio de 2011. Desde então, fui convidado para falar sobre as relações entre as quatro áreas em várias universidades brasileiras (conforme tópico 7), e publiquei vários artigos (listados no tópico anterior). Essa fase da minha pesquisa se consolidou com a publicação do livro “Arquivologia,

Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível”, pela editora Briquet de Lemos, e em várias palestras e atividades para apresentá-lo.

A pesquisa se estruturou basicamente no estudo da história intelectual das áreas de arquivologia, biblioteconomia e museologia. Identificou-se que as três áreas foram atravessadas pelos mesmos movimentos intelectuais ao longo de sua história. Em primeiro lugar, desde o renascimento até o século XIX, a progressiva consolidação disciplinar em torno do estudo das coleções, da instituição e dos fazeres técnicos; num segundo momento, o desenvolvimento de teorias funcionalistas, críticas, de representação e de ênfase nos sujeitos, ao longo do século XX; e por fim, no século XXI, perspectivas globalizantes, interacionais, constitutivas e mediacionais. Essa foi a primeira descoberta relevante da pesquisa: a existência de vários pontos comuns, os mesmos atravessamentos teóricos e conceituais, que ocorreram aliás em momentos muito próximos em cada uma delas. Na pesquisa buscou-se analisar, ainda, a ciência da informação, também em sua história intelectual. Identificou-se uma primeira perspectiva, positivista, tecnicista, marcada pela influência teórica da teoria matemática, da teoria sistêmica e dos contextos científicos dos países anglo-saxões; e uma perspectiva contemporânea, com contribuições das teorias críticas, fenomenológicas e hermenêuticas, que situam a problemática informacional no âmbito do sociocultural, do pragmático, do intersubjetivo. É essa segunda abordagem que sinaliza possibilidades profícuas de diálogo com as abordagens contemporâneas em arquivologia, biblioteconomia e museologia

Os estudos sobre a epistemologia da Ciência da Informação tiveram continuidade depois com a identificação de teorias contemporâneas (análise de domínio, altmetria, cultura organizacional, curadoria digital, folksonomias, ética intercultural da informação, neodocumentação, humanidades digitais, arqueologia da sociedade da informação, práticas informacionais, regimes de informação, memória e as aproximações com arquivologia, biblioteconomia e museologia) e discutidas sua inserção na ciência da informação. E também foi feito um trabalho de clarificar as relações entre as correntes teóricas, as subáreas e os paradigmas do campo, com uma proposta de renovação da interpretação de sua historiografia. A consolidação desta trajetória de pesquisa se deu com a publicação do livro “O que é ciência da informação”, lançado em 2018.

Após a consolidação da pesquisa sobre a epistemologia da ciência da informação com o lançamento do livro em 2018, foi sentida a necessidade de ampliar o escopo dos estudos. Essa necessidade se deu principalmente em 2017, quando fui palestrante convidado em Cuba, em Costa Rica, na Colômbia e no Uruguai. Nessas oportunidades pude conhecer a realidade de vários países da Ibero-América, aprofundando questões que já vinham sendo tratadas no

âmbito da pesquisa “Un análisis teórico-epistemológico de la Bibliotecología y Estudios de la Información - Unidad en la diversidad: Bibliotecología, Documentación y Ciencia de la Información”, coordenada pelo professor Miguel Ángel Rendón Rojas, da Universidad Autónoma de México.

Assim, em 2019, iniciou-se a pesquisa “Pensamento informacional ibero-americano”. Fui aprovado para bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq com este projeto. No mesmo ano, realizei um estágio de pós-doutorado na Universidad de Salamanca, Espanha, com o mesmo tema. O objetivo dessa pesquisa foi o de mapear a produção científica da área na Ibero-América, em termos de suas temáticas mas, principalmente, em termos dos movimentos intelectuais que a caracterizam.

Essa temática de pesquisa foi concluída em 2021, conforme o cronograma apresentado no projeto de produtividade, mas segue ativa com a participação no grupo de pesquisa internacional Ciibercid – Círculo Iberoamericano en Ciencia de la Información Documental, no qual estão consolidadas parcerias com Miguel Ángel Rendón Rojas e Silvana Rodriguez (México), Armando Malheiro da Silva e Fernanda Ribeiro (Portugal), Martha Sabelli (Uruguai), Eduardo Mancipe Flechas (Colômbia), Maria Damús (Argentina), Viviana Fernández Marcial (Espanha), além de outros pesquisadores brasileiros.

Entre os principais resultados até o momento dos estudos, destaca-se a identificação de alguns traços caracterizadores da Ibero-América enquanto realidade geopolítica, histórico-cultural e de produção científica. Já em relação à ciência da informação produzida neste contexto, destaca-se a busca por uma perspectiva autônoma de estudos, distinta da *information science and technology* estadunidense e da *library and information science* europeia. No lugar de uma perspectiva mais tecnológica e operacional, como a dos Estados Unidos, ou mais humanística e institucional, como a europeia (em traços gerais), desenhou-se na Ibero-América uma perspectiva crítica, fortemente inserida no âmbito das ciências humanas e sociais, voltada para temas como a memória, o patrimônio, a identidade e a emancipação. O estudo das tecnologias da informação é muito presente, mas não numa perspectiva apologética e promocional, e, sim, desde uma perspectiva crítica, com ênfase em suas contradições, dimensões geopolíticas e usos ideológicos. Várias perspectivas ibero-americanas se filiam a movimentos teóricos contemporâneos como a decolonização, as epistemologias do sul, o multiculturalismo e a denúncia das injustiças epistêmicas.

No meio da pesquisa de pós-doutorado sobre a ciência da informação ibero-americana, emergiu com muita urgência a temática da pós-verdade, tanto por conta dos desafios recentes relacionados com o fenômeno (resultados de eleições em vários países, inclusive no Brasil em 2018, fortemente influenciados pela desinformação) como, em 2020, com a pandemia da

Covid-19 e a proliferação em massa de informações falsas e teorias conspiratórias. Iniciou-se, assim, em 2020, a pesquisa “Ciência da informação e pós-verdade”. Ao longo do ano, foram realizadas várias palestras via internet (as chamadas *lives*) em diferentes universidades e associações científicas e profissionais sobre a temática, além da publicação de vários artigos, listados no tópico 4. Em 2020 submeti nova proposta de pesquisa para a bolsa de produtividade do CNPq, tendo sido aprovado. A pesquisa sobre infodemia e pós-verdade segue em andamento. Até o momento, os resultados da pesquisa apontaram para a identificação das causas do fenômeno (negacionismo científico, vieses cognitivos, desintermediação da informação, aumento da importância das redes sociais e sequestro das ideias pós-modernas de verdade), suas características (tipos de informação falsa, mecanismos de disseminação, atuação de robôs e *clickbait*s) e suas consequências - entre as quais o enfraquecimento das democracias e fortalecimento de grupos autoritários. Além disso, seu desenho como um fenômeno informacional, com uma dimensão física (relacionada à lógica dos algoritmos das redes sociais e motores de busca, que favorecem o efeito bolha e a popularidade como critério de relevância), uma dimensão cognitiva (relativa a fenômenos como o viés de confirmação e a dissonância cognitiva) e a sociocultural (com a cultura da pós-verdade). Além disso, tem sido buscada maior precisão conceitual no estudo do fenômeno, com a clara distinção de conceitos como negacionismo científico, *fake news*, *fake science*, testemunho falso, discurso do ódio, desinformação e infodemia.

Os primeiros estudos sobre pós-verdade e infodemia se deram desde a perspectiva epistemológica, com seus impactos para a definição do objeto de estudo da ciência da informação. Mas está colocado, para o futuro próximo, o estudo desde a perspectiva das práticas informacionais, com a orientação de pesquisas sobre ações de disseminação e apropriação de desinformação por usuários da informação. Está previsto também o início de uma atuação junto ao Programa de Combate à Desinformação do Supremo Tribunal Federal (STF) dentro de um grande convênio com universidades brasileiras. Na UFMG, o projeto será coordenado pelo Cedecom, Centro de Comunicação, e já tive duas reuniões com a equipe do STF apresentando minhas propostas de pesquisa. Tenho ainda, no momento, uma bolsa de iniciação científica com a aluna Luciana Tognolli, desenvolvendo pesquisa sobre desinformação e justiça eleitoral.

Por fim, em relação à extensão, deve-se destacar que as atividades estão em sintonia com os projetos de pesquisa realizados. Logo que entrei na ECI fiz parte da Comissão do Centro de Extensão da escola, o Cenex, tendo realizado atividades junto ao Carro Biblioteca e ajudado no Boletim Bairro a Bairro. Uma atividade importante de extensão se deu com a criação do Setor de Memória Institucional da Faculdade de Ciências Econômicas - FACE/UFMG, com a

participação de um bibliotecário, uma arquivista e bolsistas dos cursos de Biblioteconomia e Museologia. Atuei como palestrante em escolas de ensino médio, em eventos de Conselhos Regionais de Biblioteconomia e algumas vezes na Mostra das Profissões da UFMG.

Destaca-se ainda a participação do proponente em várias palestras, aulas e “lives” promovidas em 2020 e 2021 por várias entidades e cursos, o que se relaciona com o crescente interesse por essa temática em função do quadro pandêmico causado pela Covid-19 e ampliado pelas dimensões políticas e culturais desse fenômeno e suas ameaças para a democracia. Algumas dessas *lives* tiveram inclusive audiência entre pessoas de fora do ambiente acadêmico, o que destaca a importância de atividades de divulgação científica. Como exemplos de algumas dessas apresentações, destacam-se:

- entrevista para a Rádio Universitária de Salamanca (https://www.ivoox.com/planeta-biblioteca-2019-06-05-noticias-falsas-era-de-audios-mp3_rf_36725668_1.html), 05 de maio de 2019;
- live "Ciência da Informação e Biblioteconomia contra a pós verdade" organizada pelo WebConCib (<https://www.youtube.com/watch?v=ejHhBVJ1B3M>), em 14 de abril de 2020;
- live "Ciência da Informação, Biblioteconomia e o Contexto da Pós-verdade Durante a Pandemia" para a REC – Rede de Estudos sobre Competências (<https://www.youtube.com/watch?v=bH1ewTvahWA>), em 15 de junho de 2020;
- live “Pós verdade, informação e os riscos para a democracia” para o Biblio Fora da Caixa (<https://www.youtube.com/watch?v=GqmahDTvRbl>), em 20 de junho de 2020
- live “O papel da ciência da informação na pós-verdade” para o CBGCom (<https://www.youtube.com/watch?v=ZRGND2kz37M>), em 02 de setembro de 2020;
- live “Protagonismo Social na Ciência da Informação em Tempos de Pós-Verdade” junto ao PPGCI/UEL, em 24 de junho de 2020 (<https://www.youtube.com/watch?v=XkmLwhKSp4U&list=PLVtZOOMqCAeA1mUVHsFYN3oRmctNZRdcQ&index=3&t=97s>);
- live “A biblioteconomia diante do cenário da infodemia” em evento do Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região, em 10 de março de 2020 (<https://www.youtube.com/watch?v=VfWyo3UwoqE&list=PLVtZOOMqCAeA1mUVHsFYN3oRmctNZRdcQ&index=10&t=8s>);
- aula magna do PGCIN/UFSC – “Infodemia: os desafios da realidade informacional contemporânea” em 01 de abril de 2021 (<https://www.youtube.com/watch?v=JrB8AchWaJU&list=PLVtZOOMqCAeA1mUVHsFYN3oRmctNZRdcQ&index=11>);

- evento do Mast Colloquia - Informação, ambiente digital e o Papel do Museu com o tema da infodemia, em 27 de outubro 2020 (<https://www.youtube.com/watch?v=CG-9hIkZ3zQ&list=PLVtZOOMqCAeA1mUVHsFYN3oRmctNZRdcQ&index=8>);
- live “Infodemia: origem, características e consequências” organizada pela FEBAB (<https://www.youtube.com/watch?v=u6LWa4kHiew&list=PLVtZOOMqCAeA1mUVHsFYN3oRmctNZRdcQ&index=12>), em 25 de maio de 2021;
- palestra nos Seminários Cultura & Mídia – 25 anos, da UFC (<https://www.youtube.com/watch?v=1TeTDrZ8e8k>), em 19 de agosto de 2021;
- live no V Webinar do Grupo de Pesquisa Gestão da Informação e do Conhecimento na Amazônia (GICA), “Ciência da Informação: história e desafios atuais”, em 9 de setembro de 2020.

6. ATIVIDADES DE GESTÃO

Logo no início da minha carreira na UFMG, em 2006, fui representante da ECI no CEPE, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMG; membro titular do colegiado de graduação em Biblioteconomia; membro suplente do colegiado do PPGCI; e membro suplente da Congregação da ECI.

Nos anos seguintes, fiz parte do Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos cursos de Biblioteconomia e Museologia. Participei em dois períodos diferentes do Conselho Editorial da revista Perspectivas em Ciência da Informação (pois tive que abandonar quando fui para Portugal), tendo logo depois me candidatado para ser o Editor Adjunto da revista. Elegi-me como representante dos professores adjuntos junto à Câmara Departamental do Departamento de Teoria e Gestão da Informação e também como representante dos professores adjuntos no Cenex, Centro de Extensão da ECI.

Minhas atuações mais importantes foram na Comissão de planejamento e desenvolvimento do projeto pedagógico do curso de Arquivologia da UFMG em 2008 e, no ano seguinte, como presidente da Comissão de planejamento e desenvolvimento do projeto pedagógico do curso de Museologia da UFMG. Meu envolvimento com os dois cursos acabou por me credenciar junto aos professores destes dois novos cursos, além de vários do curso de Biblioteconomia, para ser candidato a diretor da ECI no ano de 2014. Efetivamente disputei as eleições e venci, tendo atuado como diretor da escola de 2014 a 2017. Justamente no ano de 2014, contudo, o estado de saúde da minha mãe e do meu pai piorou muito. Minha mãe veio a falecer em dezembro de 2016, período em que eu estava absolutamente tomado por atividades da diretoria. Em 2017, diante da piora do quadro do meu pai, optei por deixar a diretoria um ano

antes do fim do mandato, para me dedicar aos cuidados necessários para meu pai – que acabou vindo a falecer em janeiro de 2019. O período da diretoria foi bastante turbulento, com seguidos cortes orçamentários e uma ocupação do prédio, por parte do movimento estudantil, que dividiu fortemente os estudantes entre os favoráveis e os contrários. Ainda assim, foi possível implementar várias atividades importantes, como a recepção aos calouros unificada, a formatura unificada, além da criação de um novo programa de pós-graduação na escola, que passou a contar, portanto, com dois programas. Outras ações na diretoria foram a implementação de atividades de transparência, como a publicação das atas das reuniões da Congregação, além da definição de critérios para custeio de viagens e atividades docentes. Como diretor, fiz parte do Conselho Universitário da UFMG de 2014 a 2017. Também durante minha gestão ocorreram, na ECI, os eventos “XI Encontro de Diretores e X de Docentes de Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul”, de 18 a 20 de setembro de 2016, e o “X EDICIC - Encontro da Associação de Educação e Pesquisa em Ciência da Informação da Ibero-América e Caribe”, de 21 a 23 de setembro de 2016.

Após o período de realização do segundo pós-doutorado em 2019, voltei para a ECI e assumi um mandato na Câmara Departamental do DTGI. O mandato venceu em maio de 2022. Atualmente exerço o cargo de subcoordenador do PPGCI, com mandato até o começo de 2023.

7. RECONHECIMENTO PELOS PARES

Minha atuação fora da UFMG, por meio de convites e indicações, começou efetivamente logo após o meu retorno do pós-doutorado, em 2011, quando comecei a ser convidado para falar sobre as relações entre as quatro áreas em várias universidades brasileiras. Em 2011, fui duas vezes à Universidade Federal da Bahia (para um evento de Ciência da Informação e outro de Museologia), à Universidade de Brasília (para a comemoração dos vinte anos do curso de Arquivologia), Universidade de São Paulo – campus Ribeirão Preto e Universidade Federal Fluminense. Em 2012, fui à Universidade Federal do Rio de Janeiro, à Universidade de Londrina (para a conferência de encerramento do Secin), duas vezes à Universidade de Brasília (para um evento de gestão da memória e para uma reunião com o corpo docente da Faculdade de Ciência da Informação com vistas à possibilidade de criação de um núcleo comum entre os cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (para uma reunião com o corpo docente da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação com vistas à possibilidade de criação de um núcleo comum entre os cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia) e ministrei a aula magna de inauguração do

doutorado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Fui convidado para oferecer uma oficina e uma palestra no Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, SNBU, em Gramado, em 2012. Nesse mesmo período, fui convidado para fazer parte da diretoria da Abecin, a Associação Brasileira de Ensino em Ciência da Informação. Em 2013 proferi a Aula Magna de comemoração dos 40 anos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. No ano seguinte, também a Aula Magna de comemoração dos 40 anos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. Em 2016 fui eleito vice-presidente da ANCIB, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. Nessa condição, pude estar em contato direto com os programas brasileiros da área, acompanhando suas questões, problemas e interesses.

Particpei de 55 bancas de defesa de mestrado, 38 de doutorado, além de 43 qualificações de doutorado e 60 qualificações de mestrado. Parte significativa delas foram de outras instituições que não a UFMG, com destaque para Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de Londrina, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Universidade Federal do Ceará, Universidade de Brasília, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal Fluminense, além das estrangeiras Universidade do Porto (Portugal) e Universidad de la República (Uruguai).

No plano internacional, destaco que em 2016 fui eleito presidente da EDICIC, a *Asociación de Educación e Investigación en Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe*. Pude conhecer a realidade dos distintos países ibero-americanos, estar em contato com os pesquisadores destes países, conhecer suas publicações, programas de curso, agendas de pesquisa e interesses de trabalho em parceria. Em 2018 fui reeleito para um mandato de dois anos, que durou três anos em função da pandemia.

Diretamente relacionado a isso, em 2017 tive a oportunidade de ser conferencista em quatro países ibero-americanos: nas Jornadas de Investigación “Coordenadas, trazos y caminos para la innovación curricular de archivística y bibliotecología”, na Escuela Interamericana de Bibliotecología da Universidad de Antioquia, Colômbia, de 17 a 20/10; nas VII Jornadas de Investigación da Escuela de Bibliotecología y Ciencias de la Información da Universidad de Costa Rica, de 01 a 03/11; no IX Encuentro Internacional de Investigadores y Estudiosos de la Información y la Comunicación da Universidad de la Habana, Cuba, ICOM 2017, de 13 a 17/11; e nas II Jornadas de Investigación da Facultad de Información y Comunicación da Universidad de la Republica, Uruguai, de 30/11 a 02/12. Além disso, participei do VIII Encontro Ibérico EDICIC, na Universidade de Coimbra, Portugal, de 20 a 22/11. Em abril de 2018, ministrei uma disciplina de epistemologia da ciência da informação junto à Maestria en Información y

Comunicación da Universidad de la Republica, no Uruguai, e fui conferencista no evento de comemoração dos 45 anos do curso de biblioteconomia da Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá, na Colômbia, no dia 04 de maio. Em todas essas oportunidades, pude conhecer as realidades de pesquisa e ensino dos países ibero-americanos (inclusive conhecendo e estabelecendo contato com pesquisadores de Venezuela, México, Honduras, Paraguai, Peru, Equador, Argentina). Acredito que todo esse conjunto de oportunidades criou as condições para a realização de uma investigação sistemática. Além disso, em outubro de 2018 fui conferencista no seminário Hacia una escuela iberoamericana de bibliotecología y ciencia de la información documental, que se realizou na Universidad Nacional Autónoma do México, e também fiz a Conferência de Abertura do XI Encuentro Edicic que se realizou em Medellín, Colômbia, de 16 a 19 de outubro.

No ano de 2019, estive em Salamanca para a realização do pós-doutorado. Voltei para o Brasil no final do ano, sendo que, no início de 2020, houve a pandemia. Ainda assim, em novembro de 2020, fui palestrante no Congreso internacional de Archivología y gestión documental integrada realizado na Bolívia. Em 2021, realizei de maneira remota a Conferência de Abertura do XII Encuentro Edicic que se realizou em San José, Costa Rica, de 26 a 29 de outubro. Também ministrei, mais uma vez, a disciplina Teorías de la Información na Maestría em Información y Comunicación da Universidad de la República, no Uruguai. Em 2022, fui conferencista no Congreso Internacional sobre Metadatos realizado pelo Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información da Universidad Autonoma de México. E, em outubro de 2022, serei conferencista nas Jornadas de Investigación en Ciencia de la Información da Universidad de Costa Rica.

8. CONSIDERAÇÕES E DESAFIOS PARA O FUTURO

Ao fazer uma avaliação da evolução dos meus trabalhos nas duas grandes áreas de atuação, fundamentos da Ciência da Informação e Usuários da informação, é possível perceber a consolidação de alguns objetivos colocados desde o início da minha carreira.

No âmbito dos estudos de usuários, houve a descoberta da perspectiva de estudos em práticas informacionais, com a possibilidade de inserção das dimensões sociais e culturais nos estudos de usuários. Ao mesmo tempo, houve a consolidação de um grupo de pesquisa, o EPIC, com uma abordagem singular dentro da perspectiva de práticas, enfatizando a questão da cultura. O livro lançado em 2022 representa, em grande medida, essa consolidação, dando visibilidade nacional para o tipo de pesquisa e a contribuição específica do EPIC. Além disso, o EPIC tornou-

se, hoje, um grande grupo de estudos, com pesquisadores de vários estados, e inclusive com uma articulação internacional.

No âmbito dos estudos sobre os fundamentos da Ciência da Informação, um grande objetivo foi alcançado. Quando iniciei minha carreira docente, havia um forte discurso, tanto na UFMG como em outras universidades brasileiras, de que apenas era considerado como Ciência da Informação os estudos bibliométricos, ou de organização da informação. Estudos na área de cultura e sociedade e, em menor medida, em gestão da informação, frequentemente eram classificados como marginais ou mesmo não pertencentes à área. A única epistemologia legitimada era aquela ligada a uma perspectiva positivista, produtivista, da eficácia técnica. Nesse sentido, ao longo dos anos, houve um trabalho conduzido por várias pessoas, entre as quais me incluo, para legitimar outras abordagens e epistemologias para a área: os estudos de natureza crítica, as propostas ibero-americanas e de outros continentes, as perspectivas feministas e antirracistas, as abordagens construtivistas, entre outras.

Nesse sentido, tenho procurado, nos últimos anos, aumentar a minha produção em outros idiomas (inglês e francês, por enquanto) de forma a incrementar o diálogo com outros países e realidades, e também dar visibilidade às propostas que vêm sendo produzidas no Brasil. Diversas ações de intercâmbio já vêm ocorrendo com países da Ibero-América, e pretendo fortalecer-las nos próximos anos, com possibilidades de cursos de curta duração em países como Costa Rica, Cuba e Colômbia, além de manter minha condição de professor no Uruguai.

Do ponto de vista da própria ECI, acredito ter contribuído para que os professores de Arquivologia e de Museologia passassem a se sentir efetivamente parte da escola e da área, tanto em minha atuação como diretor como enquanto professor de fundamentos da Ciência da Informação. A proposta de uma Ciência da Informação aberta a questões como memória, patrimônio, cultura, identidade e saberes, entre outras, e que se assume efetivamente como ciência humana e social, tem se mostrado apta ao diálogo com a Arquivologia, a Museologia e ainda a Biblioteconomia – como tem sido evidenciado no novo desenho epistemológico do PPGCI desde 2016, com a criação de uma nova área de concentração em torno da tríade “informação, mediações e cultura”.

Um ponto ainda sensível na minha trajetória é a extensão. A temática com a qual venho trabalhando recentemente, infodemia e desinformação, tem um enorme potencial de contribuição social na medida em que vem despertando o interesse de várias instâncias e instituições. Nesse sentido, há algumas semanas já me reuni duas vezes com a equipe da Campanha de Combate à Desinformação do Supremo Tribunal Federal, com a ideia de me associar ao projeto. Também tenho iniciativas com associações de biblioteconomia, como a

Febab e o CRB-6, para o desenvolvimento de ações nesse sentido. Com professores da ECI, iniciamos o desenho de possíveis oficinas a serem desenvolvidas com diferentes públicos.

Em relação à minha atuação como professor nestes 16 anos, destaco ainda minha intensa relação com os alunos de graduação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, e os alunos de mestrado e doutorado em Ciência da Informação. Venho tendo bons indicadores de aprovação junto aos alunos. Concluí a orientação de 15 dissertações de mestrado e nove teses de doutorado, além de ter hoje quatro mestrandos e três doutorandos sob minha orientação. Em todos esses trabalhos, procurei consolidar tanto a visão de usuários da informação como a visão epistemológica da informação expressa em meus próprios trabalhos.

No campo das publicações, que acabou sendo meu maior campo de atuação, estou no momento concluindo a tradução do meu livro “O que é Ciência da Informação” para o espanhol, com previsão de publicação para o início de 2023. Também estou preparando outras produções no âmbito da pesquisa em infodemia e desinformação. A ideia é aumentar também a presença no cenário internacional.

Por fim, gostaria de destacar que, em toda a minha trajetória, nas ações de pesquisa, de ensino, de orientação e mesmo nas de gestão, há um elemento que sempre serviu de guia, de referência, de objetivo maior a ser alcançado. Sempre acreditei que o campo da Ciência da Informação não poderia ser caracterizado por uma perspectiva única, justamente aquela de matriz anglo-saxã, marcada pela busca por uma suposta “neutralidade” entendida como foco exclusivo nos sistemas e nos processos de recuperação, desconectada das realidades políticas e culturais nas quais os fenômenos informacionais se inserem. Assim como em outras ciências humanas e sociais, sempre acreditei na importância de se legitimarem outras correntes teóricas, vindas de outras posturas epistemológicas (como a crítica, a fenomenológica, a hermenêutica, entre outras) que pudessem estar vinculadas a outros problemas e outros objetos de estudo. Sobretudo, sempre acreditei na possibilidade de uma Ciência da Informação que, sem abandonar o rigor científico, pudesse estar orientada por valores como a inclusão, a valorização da diversidade, a defesa da democracia, a proteção do meio ambiente e a promoção de uma cultura da paz. Esse é o meu maior objetivo enquanto professor e pesquisador - e acredito que, nestes 16 anos, eu tenha conseguido avançar nessa direção e deixar a minha contribuição para a área.